

Em agosto de 58, Bob Lammont Sterling, enviado da Magnum Photos, almoçava comigo numa esplanada da baía de Saint Tropez.

Bob conhecia Buffet, contava ridicularias, manobras da auto-publicidade. Mas Buffet estava em St. Tropez: a Magnum Photos, já se vê, tinha que comparecer à pantomima da celebridade.

— *Sure*, dizia ele. *sure*. Magnum Photos é o maior ficheiro da nossa época. Guerras, casamentos, o negro a atirar-se da ponte de Brooklin, a criança que decora logaritmos... Os intelectuais também lá estão, mas medidos à escala da «projecção pública». E vistos a essa bitola dão um espectáculo exótico, uma espécie de circo. O Circo Barnum da Inteligência do Século.

Bob seguiu daí a nada para a recepção Buffet-Anita Eckberg-Toda A Imprensa-Toda A Arte Maior do Grande Mundo. Eu iria de autocarro para a Plage des Salins encontrar-me com um certo Giovanni Rota, também chamado Lucino nos anos da Resistência italiana, e hoje um dos maiores escritores europeus. Refiro-me a Elio Vittorini.

Hôtel des Pyramides, à noite

«Penso que ser escritor exige muita humildade. Vejo isso no exemplo de meu pai que era ferrador e escrevia tragédias. Enquanto tratava de cavalos não ligava a opiniões. Mas quando escrevinhava ouvia quem quer que fosse...»

Sublinho isto no *Diário in Publico* que Vittorini me ofereceu há pouco. *Humildade* aqui quer dizer, para mim: consciência de um complexo ofício individual que não é mecânico, não dispõe de preceitos fixados e que, por amor da sua própria função, leva à exigência de descobrir o significativo no mais apagado acontecimento.

Por outras palavras, aquilo que Vittorini tinha dito nessa tarde:

Escrever muitos livros é nalguns casos procurar a celebridade pela persistência. Por mim, nunca aspirei a vários livros. Se escrevi meia dúzia deles é porque entre uns e outros se foi operando qualquer



Elio Vittorini... cabelo branco, olhos negros; rosto duro, expressão melancólica.

CONVERSANDO COM O HOMEM A PROPÓSITO DOS OUTROS

Gazeta Musical, n.º 96

Março 1959 Por JOSÉ CARDOSO PIRES

transformação na verdade real, que me forçou a recomençar e a dizer de novo. É preciso que a verdade não seja definitiva, morta. Só com a humildade (sic) de nos mantermos em permanente aprendizagem da verdade, é possível que escrevamos os nossos esclarecimentos, as nossas correções.

É bem certo. Cada escritor tem a sua caligrafia moral. A de Vittorini está patente no cuidado reflectido da prosa e na obcecada exigência ética dos seus escritos.

Um romance grande? Sabe? Dou-me por muito feliz quando no meio de 600 linguadados à máquina venho a descobrir um romance em duzentas páginas.

Estou nisto quando Bob Sterling me bate à porta do quarto. Vem saturado de Buffet e de fotografias «diabólicas», *top hits*.

— Circo Barnum. Circo Barnum!, anuncia-me ele. Dinheiro atrai glória na razão directa do escândalo e na inversa do quadrado do talento.

Fixo o teorema do triunfo e acrescento-lhe o corolário moral: «Considera o teu semelhante com um meio. Conta com a covardia dele (ou com a delicadeza) para que não desmascare as tuas habilidades. E segue em frente. Se o conseguiste, o teu semelhante está neutralizado e comprometido na glória que forjaste.»

2. O PIFARO DA DEMOCRACIA

Logo de manhãzinha, Vittorini, descalço e de tronco nu, trabalhava à máquina num dos dois romances que está escrevendo sobre a Sicília. Mas antes ainda de os publicar tencionava reunir em volume o célebre

Simplone Pisca o Olho ao Frejus, Erica e A Garibaldina.

São três tipos, três fases da evolução da mulher italiana. Não sei se vou alterar muito estas novelas se não. De todas as reedições, a única que se tem mantido na mesma é a das Conversações na Sicília, talvez por ser o romance de que mais gosto. Publiquei-o em 1937 numa edição de trezentos exemplares. Trezentos: três, zero, zero. Só em 1942, salvo erro, Bompiani se arriscou a imprimir 5.000 exemplares que se esgotaram num mês. Nesse tempo um jovem tinha enormes dificuldades junto dos editores.

Vittorini foi buscar um volume de «I Gettoni», uma colecção que dirige na Einaudi e se destina a apresentar novos prosadores. (*Gettoni*: fichas que se lançam à mesa do jogo. Depois do eclipse italiano, a sorte das letras exercita-se.)

A Itália lê mais, o mundo lê cada vez mais os italianos, a literatura renova-se.

Nomes? Giovanni Pirelli, Elsa Morante, Quarantotti Gambini, Italo Calvino, discípulo eleito do estilo de Pavese...

Mas há que estar atento. O verismo de Fogaçzaro ou de Verga pode exercer uma sedução fácil nos jovens. A incompreensão do que é uma literatura realista em dada circunstância histórica leva a reconhecer como democrática a literatura em que soa o pifaro da Democracia, em vez da literatura em que se põem as exigências humanas da Democracia.

3. «MILANO COME LISBONA...»

Elio Vittorini, siciliano, tem a fala pausada dos homens do Alentejo, cabelo branco, olhos negros; rosto duro, expressão melancólica. A presença dos contrastes.

No trato é pessoa de portas francas. Serve café, passeia com o visitante, faz perguntas e fala do dia a dia. Há nisto muito da solicitude dos ibéricos, que são, por natureza, de convívio rápido e de uma curiosidade interessada pelo seu semelhante.

«*Milano come Madrid...*» Os Homens e os Outros têm o seu herói castelhano—não se esqueça. E as Ilhas (negras) de Lipari registaram a sua «emigração» espanhola.

— Milão como Madrid, disse Elio Vittorini. Como Barcelona. E como Lisboa, por que não?

— Como Lisboa?, perguntei-lhe eu.

— Sim, respondeu Vittorini. Como Lisboa. Como Teruel, como Santander.

Um passado comum, a mesma experiência histórica, têm este condão: aproximar os estranhos. É isso a madre do melhor entendimento.

Noutra noite, no Hôtel des Pyramides

Escrevo:

a) A jovem literatura e a moralização da actividade artística a partir de 1945 em Itália. «Sem jornais nem crítica aberta não podia haver novos escritores» — palavras de Vittorini. «A reputação elaborava-se em ilhas privadas e não no diálogo da opinião pública.»

Milano come Lisboa...

b) Vittorini e a França. Citar o *14 Juillet*, onde Vittorini critica o abstraccionismo político do francês médio.

Roger Vailland teria chamado suas a essas palavras (cf. *Elogio do Cardial de Bernis*), mas Vittorini não adere totalmente a Vailland. Os primeiros romances, sim.

Prefiro La Modification de Butor, a La Loi de Vailland. Não percebo como se passou por cima do exotismo superficial deste livro e se atacou precisamente por isso o Por Quem os Sinos Dobram. Trata-se duma atitude grosseira que considera que a linha que divide no campo da cultura o que é Progressivo do que é Reaccionário se identifica exactamente com a linha que estabelece a mesma divisão no campo da política. A verdade é que Hemingway pôs na sua obra muitos dos problemas que, por si sós, justificam ao homem a necessidade de melhorar o seu destino.

Anotar: a preferência e a amizade de Vittorini por Faulkner; o romance da bela-época do «New Deal» — Steinbeck como Fadeiev ou uma literatura do Estado que nasce espontaneamente. «Mais social (e mais verdadeiramente artista) é para mim o italiano Pavese que, por exemplo, no conto *Il Carcere* põe em equação uma problemática agudíssima, parecendo que se limita a falar de caça e de codornizes.» (Relacionar esta opinião de Vittorini com o seu famoso diálogo sobre as laranjas das *Conversações na Sicília*.)

4. BREVE CORRIGENDA AO MITO DO LOUVA-A-DEUS

Certa tarde, sob o alpendre da casa de Vittorini, que é uma dessas vivendas de alugar à época, igual a tantas outras dos arredores de Lisboa, filmava-se um louva-a-deus fêmea no acto de devorar o macho depois da cópula. O alguidar estava coberto de destroços de vítimas imoladas ao ritual do amor louva-a-deus.

Lembrei-me dos homens civis e dos homens bárbaros, mais propriamente dos Homens, partidários da força da palavra, e dos Outros, defensores da razão de raça e das fatalidades biológicas.

também o seu quinhão de glória têm os dias contados.

(Sei agora que Bob Sterling deixou um cartão a despedir-se. Promete vir um dia a Portugal, conhecer Lisboa e Fátima.)

Apontamento de uma conversa com Vittorini, falando da crítica:

Crítico é também um acto de coragem. Durante os anos de Mussolini a desorientação literária era organizada ou, pelo menos, acalentada. Papini e Farinacci são beneficiários dessa confusão. Hoje o clima é diverso mas o vício pode reincidir. Os atestados dos críticos maravilhados só ajudam a consagrar a Babilónia dos valores falsos e dos verdadeiros.

(Ao fim e ao cabo, o terrível mito do louva-a-deus...)

Outro apontamento (final) a reproduzir: «Fundamento da Literatura — a fé nas palavras».

Ainda a respeito do louva-a-deus, estou a vê-lo (a Vittorini) pouco antes de o deixar, à mesa dum café de St. Tropez:

— Cada homem espera hoje em dia que uma palavra, uma só palavra talvez, possa transformar a substância das coisas. O nosso século demonstra que isso é possível porque uma assinatura responsável, um discurso, já têm transformado os destinos de milhões de pessoas. O escritor, mais do que ninguém, deve empenhar-se em valorizar as palavras, dar-lhes crédito e vida. É isso o nosso ofício, a nossa tarefa.

— Imagine, disse Vittorini. Pensar eu que na Itália o louva-a-deus é um insecto popular. Acredite. Consideramo-lo um bichinho modesto, uma figurinha, enfim, que as pessoas associam ao acto de implorar.

Sorriu vagamente:

— Estou interessadíssimo em ver o filme. Já pensou como deve ser tenebroso este bicho, visto à escala do mundo dele?

Hôtel des Pyramides, uma vez ainda

Bob Sterling sumiu-se. Figuro um diálogo com ele acerca do louva-a-deus.

Eu: — Bob, sabe o que é o louva-a-deus? Um insecto assim e assim que depois da cópula é morto pela fêmea.

Ele-Bob (com um assobio de admiração): — Melhor. Os machos que escaparem é que estão cheios de sorte.

Eu: — Pois, sim. Mas quando tentarem